



CULTURA DA “CORPOLATRIA” E BODY-BUILDING: NOTAS PARA REFLEXÃO

Adriana Estevão

Doutoranda em Ciências Sociais na PUC-SP

Professora do Departamento Educação Física da FURB-SC

Marcos Bagrichevsky

Doutorando em Saúde da Criança e do Adolescente – Unicamp-SP

Resumo: No presente ensaio, a intenção é discorrer sobre questões relacionadas aos adeptos à cultura da “malhação”, em particular os praticantes do fisiculturismo, cujo objetivo é desenvolver um incrível volume muscular. Os fisiculturistas buscam alcançar determinado padrão estético peculiar a essa modalidade, e é aceitável entre eles, para consegui-lo, ultrapassar limites fisiológicos humanos. A questão evocada em primeiro plano é: o que faz com que esses praticantes desejem ter corpos incrivelmente hipertrofiados, já que tal fato implica, inclusive, estar muito próximos do risco de morte iminente? Para tentar desenvolver essa problemática, foram analisadas subjetividades e engendramentos que a perpassam, buscando identificar a contextualização de alguns paradoxos.

Palavras-chave: corpolatria; body-building; fisiculturistas; corpo.

BODY WORSHIP CULTURE AND BODY BUILDING: NOTES FOR ANALISYS

Abstract: The current essay intends to relate some aspects about followers of the body worship culture, particularly the ones who practice bodybuilding, whose main objective is to develop an incredible muscular volume. The body-builders goal is to reach certain esthetic standard, peculiar to this modality, being acceptable among them, in order to get it, to overcome the human physiologic boundaries. The main question focused is: what stimulates them to aim an incredibly hipertrophical body, considering that, indeed, to get such kind of body implies extreme risk of sudden death? Trying to develop this problematic, it was made an analysis about its subjectiveness and contrivances, within the context of such paradox.

Keywords: body worship culture; body-building; body-builders; body.

I. INTRODUÇÃO

Este estudo buscou discorrer sobre questões relacionadas à cultura da *corpolatria*, focando em particular o *body-building* – prática também conhecida no Brasil como *fisiculturismo*. A análise considerou alguns elementos de tal contexto, em que predomina uma perspectiva hedonista de *consumo do corpo*, arraigada, sobretudo, no universo do *fitness* e das atividades físicas em academias de ginástica.

O fisiculturismo é considerado uma modalidade competitiva da musculação, cujo objetivo, grosso modo, é obter o máximo de volume muscular possível com vistas a determinado padrão estético corporal. Nessa prática, os/as fisiculturistas desejam que ocorra exacerbação da hipertrofia muscular e é aceitável entre eles/elas que se extrapolem os limites fisiológicos humanos para consegui-la. É predominantemente pelo uso corrente de esteróides anabolizantes androgênicos e de muitas horas gastas com intensos exercícios físicos (realizados em academias), que tais objetivos são alcançados. Sabe-se também que, em função do uso prolongado de tais fármacos, há sérios riscos de comprometimento da integridade corporal, inclusive até a possibilidade de morte súbita.

Buscamos problematizar esses intrincados e paradoxais aspectos, levando em conta algumas matrizes teóricas que analisam idéias relativas à corporeidade, saúde e estética e o respectivo nicho em que são disseminadas. A seguir, foram tecidas considerações acerca dos anabolizantes, já que tais drogas sintéticas possuem uma axiomática relação com o fisiculturismo (sem elas, a prática inexistiria). Por último, também foram acopladas notas etnográficas obtidas em pesquisa de campo, apenas em sentido complementar e ilustrativo à discussão proposta. Utilizamos pequenos trechos dos relatos de cinco mulheres fisiculturistas, os quais serviram como elementos corroborativos à análise central, sem, todavia, ter a pretensão de esgotá-los.

É importante explicitar que a utilização eventual das falas obtidas em entrevistas não estruturadas foi previamente informada às mulheres inquiridas, que permitiram sua aplicação irrestrita para os fins deste estudo. A formalização dessa permissão deu-se por meio de termo de consentimento livre e esclarecido. Foram empregados no texto nomes fictícios das depoentes, a fim de preservar sua privacidade.

2. FABRICAÇÃO DE IDEOLOGIAS E ESTÉTICAS DO CORPO “MALHADO”

Vale dizer, inicialmente, que o termo *malhação* – *gíria* utilizada de forma corriqueira no universo das academias de ginástica e musculação – tem sido adotado no meio para representar, simbolicamente, qualquer modalidade de exercitação física praticada com elevada frequência e intensidade. Corpo *malhado* e *sarado* são vocábulos admitidos neste trabalho, com a mesma conotação: expressões designativas de uma aparência corporal, cujo resultado estético pretensamente desejado viria, em princípio, da submissão ao rigor de uma prática árdua, laboriosa e constante de exercícios. Obviamente, foram vocábulos considerados em função de já estarem incorporados, de forma visceral, no linguajar próprio de quem transita nesses espaços.

Pode-se dizer sem muita hesitação que, na contemporaneidade, as academias de ginástica constituem um dos signos mais emblemáticos da cultura da corpolatria instaurada em nosso tempo. Nesses redutos, via de regra, desfilam corpos malhados, bem como outros que buscam alcançar tal *status*.

O grande nicho das academias, instituído de modo estratégico há pelo menos duas décadas em países do mundo ocidental capitalista, vem sendo socialmente reforçado por intensos apelos midiáticos de consumo de toda ordem. Em geral, caracteriza-se como espaço sectário de conformações elitizantes: é freqüentado por *peessoas saudáveis*, com aporte financeiro e nutricional privilegiados, quase sempre em busca de objetivos estéticos voláteis e que se renovam num paroxismo infundável (PALMA e colaboradores, 2003b).

Quanto à aceitação do significado de *saudável* como estritamente ligado à condição de pessoas praticantes de atividades físicas ou possuidoras de um *estilo de vida ativo*, cabe lembrar o questionamento crítico de Palma e colaboradores (2003a) e de Mira (2000) sobre tal julgamento valorativo. Mesmo em estudos epidemiológicos, há sérias inconsistências que fragilizam a tentativa de estabelecimento dessa relação causal. Os autores questionam se, de fato, o exercício físico seria um *gerador de saúde* ou se os diversos fatores determinantes do estado de saúde (por exemplo, nível de renda) é que conduziriam as pessoas à prática do exercício. Esse é um aspecto que métodos estatísticos e pesquisas quantitativas não têm conseguido responder...

Castiel (2003, p. 13) reforça que:

Em determinados segmentos sociais, menos desfavorecidos em termos sócio-econômicos, o estilo de vida se dirige ao corpo como um bem, cuja aparência de vigor físico e juventude deve ser mantida. A idéia de boas condições de saúde se funde à de atratividade sexual. Esta conjugação gera uma grande estrutura industrial e comercial voltadas ao mercado de cosméticos, vestuário, esporte, lazer, alimentação etc.

Conforme Malysse (2002, p. 103): “As práticas psicologizadas das academias têm por base diferenças que são também de ordem social e, mesmo que recentemente tenham surgido algumas academias em favelas [...], elas ainda são freqüentadas principalmente por homens [...]”.

Mas essas constatações não estão descontextualizadas historicamente, pelo contrário, se encontram demarcadas por uma considerável tradição. Os Movimentos Eugênico e Sanitarista – corporificados no Brasil no início do século XX – podem ser considerados precursores ideológicos dessa apologia ao *estilo de vida ativo*, cujos ditames impositivos já se encontram arraigados, visceralmente, na percepção do imaginário popular de nossa sociedade presente, de tal modo a *culpabilizar* qualquer pessoa que ainda não tenha demonstrado inclinação para experimentar os supostos *efeitos incontestáveis* ao corpo e à saúde.

Na perspectiva de idéias emblemáticas do tipo “mexa-se, não fique parado!” ou “só é gordo quem quer”, publicamente difundidas por meio de campanhas institucionais, emergem análises reducionistas, as quais, por fim, levam à ação de *responsabilização* dos indivíduos diante do aparecimento de doenças que, em última instância, poderiam ter sido evitadas, se o comportamento preconizado fosse adotado (PALMA e colaboradores, 2003a)! No entendimento de Fraga (2003, p. 101):

Essa “nova recomendação global” sobre atividade física e saúde se apóia em algumas estimativas e evidências científicas para “esquematar a figura lógica do inimigo” da saúde: afro-americanos e outras etnias minoritárias, aposentados, pessoas com baixa escolaridade e, especialmente, mulheres.

Nas academias, verdadeiros *shoppings* do corpo, mesclam-se homens e mulheres que se envolvem em diversificadas práticas corporais com o intuito de *entrar em forma* (esse é outro tipo de *chavão* difundido no meio, que também representa um estado corporal idealizado, do ponto de vista visual, estético). Mas não é só a busca pela boa forma que motiva tal público. Conseguir um enlace afetivo ou exibir um corpanzil irretocável (aqueles já possuidores de um) também são opções consideradas pelos distintos freqüentadores, que costumam destinar muitas horas de seus dias para gastar em tais espaços.

Malysse (2002, p. 95) apresenta um enunciado revelador quanto à construção de uma dimensão imaginária, ao mesmo tempo, alienante e balsâmica:

Ao entrar nessas academias, descobri um universo que parecia ser apenas a cópia perfeita daquilo que a mídia [novelas e revistas femininas, principalmente] veiculava. A decoração, em primeiro lugar, se parecia com a dos estúdios de televisão (*Malhação*, da TV Globo), com muita iluminação e cores destinadas a criar atmosferas *como as da televisão* (grifo do autor).

Parte considerável das mulheres que transita nesses locais tem anseios similares: moldar o corpo com precisão, buscando igualá-los aos das *top models* e manter-se conservadas, prolongando ao máximo a juventude, tentando driblar rugas e as marcas da passagem do tempo sobre a vida humana.

De todo modo, já há outros caminhos para que tais perspectivas de rejuvenescimento sejam alcançadas. A medicina dispõe, *para quem pode pagar*, das mais modernas técnicas de cirurgia plástica. Com essas intervenções, as *imperfeições físicas* indesejadas podem se tornar inconvenientes do passado. A obtenção do padrão de beleza do corpo malhado parece garantir a promessa de felicidade eterna, tal como revela o depoimento da leitora da revista (*Revista Boa Forma*, 2003, p. 9):

Mudei meus hábitos alimentares, voltei a me exercitar e larguei meu pior vício: o cigarro. Vocês me deram muito estímulo com toda essa simpatia e riqueza de informação. Tenho certeza de que, como eu, muitas leitoras serão capazes de mudar suas vidas e serem mais felizes [grifo nosso]. Agora tenho uma necessidade física de ler a revista todos os meses.

Para Goldenberg e Ramos (2002, p. 25), em decorrência da “mais nova moral, a da ‘boa forma’, a exposição do corpo, em nossos dias, não exige dos indivíduos apenas o controle de suas pulsões, mas também o (auto)controle de sua aparência física”.

Para quem não opta (ou não pode optar!) pelas cirurgias, foram inventadas outras soluções, de efeitos não tão rápidos. Caso desejem, meninas adolescentes, mulheres jovens e maduras também podem enfrentar o trajeto rumo ao corpo sarado, exercitando-se laboriosamente em aulas de ginástica, bicicletas ergométricas, esteiras elétricas, *steps* etc. Ainda como complemento dessas árduas provações é possível praticar mais algumas horas de musculação, não esquecendo da dieta que, em quase todos os casos, bastante restritiva em relação ao consumo de calorias por dia.

Essa orientação, geralmente estabelecida por um *personal trainer*, tem sido amplamente divulgada pelas revistas especializadas e pelos programas e propagandas na televisão, fato esse que parece incentivar as pessoas a tornarem-se autodidatas (como forma *alternativa*, quando não possuem poder aquisitivo para recorrer a *especialistas* que o mercado dispõe), prescrevendo, muitas vezes, elas mesmas sua dieta alimentar: cada indivíduo gesta o próprio corpo! Tais estratégias se evidenciam a partir de determinado período, como afirma Courtine (1995, p. 86):

[...] todas essas técnicas de gerenciamento do corpo que floresceram no decorrer dos anos 80 são sustentadas por uma obsessão dos invólucros corporais: o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo. Uma negação laboriosa de sua morte próxima.

Mesmo nessa legião de candidatos fanáticos por corpos sarados, são vários os que desistem. Alguns logo de início, outros em médio prazo, por considerarem muito sacrificante o processo para ficarem em boa forma, muito embora, pelo discurso midiático, a promessa da beleza e da juventude esteja estendida a toda a população (vale lembrar que o discurso do *fácil acesso* também coabita o mundo da miserabilidade). Constata Couto (2003, p. 172) que:

De um lado, está uma ampla maioria condenada à condição de subumanos, com suas deficiências. De outro, uma minoria capaz de se reprojeter e se reconstituir tecnicamente, ultrapassando os limites da configuração biológica; os que conseguem atingir a categoria e o *status* de pós-humanos. Entre eles, muitos de nós, esperançosos, ávidos, antenados, ansiosos, sintonizados, realizando esforços para acoplar sempre mais os nossos corpos às tecnologias avançadas, buscando a transmutação, o próximo *upgrade* em nome da eficiência, da beleza da boa forma, enfim, da saúde total e uma vida longa, muito longa.

Sarados, suados, definidos, esculpidos, malhados! Corpos produzidos conforme determina um figurino que preza uma bela imagem. Talvez para quem vislumbre as silhuetas que resultam desses “demorados, dispendiosos e traumáticos rituais de sacrifício físico” (FRAGA, 2003, p. 98), pareça fácil, prazeroso, natural. Afirma-se (MALYSSE, 2002, p. 102) até que:

[...] para ter um corpo perfeito, basta ter força de vontade. A morfologia é considerada o resultado de um trabalho, a prova de uma distinção corporal. Todas as revistas femininas dizem que é preciso força de vontade para mudar o corpo, mas nunca dizem que também é preciso uma cultura adequada e dinheiro suficiente.

Como destaca criticamente o autor, é preciso antes da força, ter vontade... Todavia, é possível possuir as condições favoráveis, mas não manifestar a intenção de dedicar-se a uma rígida rotina física de academia, cheia de sacrifícios previstos. Vale frisar que, recentemente, foi anunciada, num conhecido programa televisivo de variedades exibido nas noites de domingo, a criação de uma *inovação* atrativa nas academias de ginástica em todo o mundo (especialmente nos Estados Unidos). A modalidade em questão proporcionava simulações de treinamento militar de guerra para melhorar o condicionamento físico de seus freqüentadores, inclusive estimulando-os a portar a indumentária (pesada) e equipamentos similares aos usados em combate. Os idealizadores da aclamada nova sensação explicavam que o intuito era *motivá-los* (os alunos), ainda mais, a se *cuidar* fisicamente, dizia o programa.

Porém, aqueles que perseveram no ritual do culto ao corpo, quase em sua totalidade, desejam atingir o *resultado esperado* de maneira instantânea ou quase (busca-se a magreza extrema ou agregar para si uma constituição adornada por músculos fortes). Apesar de a idéia de *entrar em forma rapidamente* já ter tomado conta dos desejos no imaginário de muita gente, é preciso salientar que tal modificação não pode ser considerada *biologicamente viável*, obviamente, se desconsideradas as intervenções cirúrgicas e similares e o uso de poderosas drogas disponibilizadas pela indústria farmacêutica. Para Malysse (2002, p. 102),

Se as revistas só pregam o modo de vida das classes dominantes e um modelo de comportamento corporal que remete às camadas superiores da hierarquia social brasileira, nem por isso são menos lidas pelas mulheres das classes populares: [...] as representações da *corpolatria* circulam por toda a sociedade brasileira.

A obsessão pela conquista de um padrão de beleza próximo àquele que é disseminado com veemência pela mídia faz com que os pretensos adeptos do universo do *fitness* se familiarizem e façam uso de práticas extremadas, para se livrarem, a qualquer custo, do excesso de gordura corporal, pois os gordos, segundo Fischler (1995, p. 74),

[...] são considerados transgressores; eles parecem violar constantemente as regras que governam o comer, o prazer, o trabalho e o esforço, a vontade e o controle de si. Dito de outro modo, o obeso (seu corpo o trai) passa por alguém que come mais do que os outros, mais do que o normal, numa palavra: mais do que a sua parte.

Seguindo a lógica da *culpabilização*, que abarca o ditame fascista do estilo de vida ativo: “Não é de se espantar, então, que o doente seja culpado por sua doença, que ‘só é gordo quem quer’ [...]” (PALMA e colaboradores, 2003a, p. 20). Assim, os indivíduos, contaminados pelo sentimento de auto-responsabilização quanto ao *suposto estado lastimável* estético e de saúde que consideram portar, tornam-se dispostos a lançar mão de estratégias que os distanciem, ao máximo, da norma posta: comer demais é transgressão grave, assim como *ostentar* um corpo obeso (*feio*) e economicamente dispendioso (segundo preconizações pragmáticas de entidades mundiais da saúde).

É no esteio dessa ideologia perversa que se desvela outra “prática alternativa”, que habita o cotidiano daqueles que buscam a magreza a qualquer preço: a indução ao vômito, ao término das refeições. Esse é um comportamento que pode acabar desencadeando um conhecido distúrbio muito grave chamado de bulimia. Complementando o quadro de implicações assustadoras, há também a anorexia nervosa, considerada pela medicina tradicional como doença, na qual a pessoa obriga-se, progressivamente, a parar de comer e acaba, como consequência perdendo peso em demasia. Algumas pessoas submetidas a tal condição sucumbem e morrem, como foi o caso de pessoas famosas do *show business*, nos anos 60 e 70 do século passado. O preocupante arsenal de estratégias inclui, ainda, o uso de inibidores de apetite, anfetaminas, diuréticos, antidepressivos etc.

De acordo com Fischler (1995, p. 77),

A distribuição social da gordura, nos países desenvolvidos, mudou totalmente. No passado, nesses países (hoje ainda no terceiro mundo), o *popolo grasso* ocupava os estratos superiores, e o *popolo magro*, as camadas mais baixas da hierarquia social. Hoje, são os pobres que são gordos e os ricos que são magros [...].

Constata o autor que a gordura ainda é, em alguns casos, confundida com força, e quando isso ocorre, é aceitável (FISCHLER, 1995, p. 74):

O trabalhador que usa força, mesmo com um peso considerável, não é obeso, ou não é considerado como tal. Que ele carregue pesadas cargas, que desloque móveis, pianos ou *containers*; assim o gordo vê sua gordura se metamorfosear mitologicamente em músculo, sua voracidade se transformar em bom apetite e seu apetite se justificar pela necessidade de reproduzir a força de trabalho.

Será que, de fato, “só é gordo quem quer”? Mas diante das incontáveis distinções pejorativas e preconceituosas, socialmente associadas à obesidade, poderia alguém portar tal característica afirmando se sentir totalmente isento dos estigmas estéticos e corporais que assolam os tempos atuais?

3. FISCULTURISMO: FACETA “RADICAL” DA CULTURA DA MALHAÇÃO

Pode-se dizer que a promoção incondicional à cultura dos exercícios físicos, da corpolatria e do *fitness*, tem sua *ala* mais radical: o fisiculturismo. A modalidade circunscreve um paradoxo agudo, pois ao mesmo tempo que glorifica o excesso em forma de músculos, recomenda um rigoroso *comedimento* de hábitos e comportamentos, cultivados, exatamente, para a obtenção e ostentação de *corpos hiperbólicos*. Mas os paradoxos não terminam por aí...

O fisiculturismo é, em linhas gerais, tradução da expressão inglesa *body-building*, surgida nos Estados Unidos da América. Segundo Courtine (1995, p. 11): “[...] *body-building*, aparece na linguagem entre 1900-1905, a partir da expressão *to build (up) one’s body*”. Considerando sua origem, a noção de fisiculturismo é compreendida, no presente texto, como representação de uma prática corporal tanto masculina como feminina de características peculiares: emprego de um regime de treinamento físico diário muito intenso, no qual predominam inúmeros exercícios de força com pesos, concomitante à administração de elevadas doses de hormônios anabólicos androgênicos (sintéticos), para a aquisição de exacerbada quantidade da massa muscular corpórea e para significativa redução do tecido adiposo, com fins estritamente estéticos.

Seus adeptos (fisiculturistas) participam, quase sempre, de competições específicas, as quais constituem eventos de valorização de um padrão estético particular, quase uma versão similar aos concursos de beleza feminina *Miss Mundo* e *Miss Brasil*. O título que os campeões das disputas mais conhecidas (nos Estados Unidos) recebem é parecido com o nome dos referidos eventos de beleza: *Miss* ou *Mister Olympia* ou, então, *Mister* ou *Miss Universo*.

Nos últimos trinta anos, o culto ao corpo fortaleceu-se muito na perspectiva do capitalismo mundial. Nesse sentido, Courtine (1995) identifica e destaca o poderoso grupo norte-americano *Weider* por ter exercido forte influência precursora sobre o *body-building* nesse país. A empresa, fundada por um rapaz que fazia entregas e desejava transformar seu amor por músculos em um negócio rentável, emprega hoje mais de dois mil funcionários e possui um faturamento aproximado de 300 milhões de dólares/ano. A *Weider* produz suplementos alimentares, aparelhos de musculação e revistas especializadas que estão entre as de maior tiragem mundial (*Muscles & Fitness*, *Shape*, *Flex*, *Men’s Fitness*, *Moxie*, dentre outras).

Do mesmo modo, Joe Weider foi mentor do concurso mais cobiçado do mundo nesse setor, o *Mister Olympia*. Ele também fundou a Federação Internacional de *Body-Building*, presente em 136 países, incluindo o Brasil. Para Goldenberg e Ramos (2002, p. 21), essa

[...] difundida ideologia do *body building* – própria da chamada “cultura da malhação” –, que se fundamenta na concepção de beleza e forma física como produtos de um trabalho do indivíduo sobre seu corpo, assim como outros movimentos importados dos EUA, [...] vêm ganhando cada vez mais adeptos em alguns segmentos da nossa sociedade [...].

Courtine (1995, p. 85-86) confirma que:

[...] na cultura de massa do corpo, [...] o *body-building* profissional constitui a parte mais à vista: a do *consumo*, e da necessidade do gasto numa sociedade de consumo. [...] o *body-building*, a autodisciplina da transpiração, todo esse trabalho feito nas máquinas de musculação, o gasto compulsivo de energia, de matérias, de bens acumulados, são os usos em espelho, similares e invertidos, das atividades cotidianas de preenchimento de carrinhos de supermercado e de incorporação de alimentação.

Ainda segundo o relato de Courtine (1995), os *dolorosos prazeres* dos exercícios físicos alardeados em campanhas por todos os Estados Unidos (a população era alertada para o fato de que deveria *forçar-se* a realizá-los diariamente, sob pena de prejuízos severos à saúde!) não foram assimilados da maneira sugerida pelos *slogans* publicitários, pois nem todas as pessoas naquele país consideram os exercícios como benéficos ou fundamentais para sua vida. Durante a década de 1980, tornou-se famoso o chavão “no pain, no gain”, um dos maiores *estandartes* apregoados pela ideologia do *fitness*, cuja mensagem, em síntese, incitava os participantes a sempre ultrapassar os limites físicos da dor durante as atividades de exercitação corporal intensa, pois só dessa maneira seriam obtidos os benefícios estéticos, emocionais, morais e de saúde preconizados em tais práticas. No entanto, Courtine (1995, p. 101) anuncia que as questões hedonistas do corpo já apareciam anteriormente em *slogans*, nos idos de 1960, subscritas no modelo do *American way of life*:

[...] inscrevem-se, ainda, literalmente, em sua linguagem, isto é, no caráter paradoxal e na força performática desses enunciados obrigatórios que levam à busca de um bem-estar na atividade física. *Have fun*: a alegria é um dever moral, uma forma insistente de obrigação. No mesmo contexto, o bem-estar psicológico (*feeling good*) é entendido como uma consequência da forma física (*being in shape*).

Mas essas práticas sacrificantes “são particularmente identificadas como ‘estilo de vida’ da camada social que se tornou o emblema dos anos 80: os *yuppies*” (COURTINE, 1995, p. 85).

O Brasil “importou” o *body-building* a partir desse período, quando, efetivamente, novos adeptos começaram a ser arrebanhados em um contexto que se configurava cada vez mais promissor. A modalidade, já em voga naquele momento, permitia exibir um corpo que, então, deixou de ser apenas simples espetáculo desprezível (há relatos no início do século XX de apresentações em circos, teatros com o perfil de uma atração pitoresca) e passou a ter sustentação estratégica da megaindústria do *fitness* e do mercado de consumo do corpo.

Não é incomum escutar, em diversas instâncias, uma referência a tal modalidade como sendo um esporte. A fisiculturista Patrícia Mello, cuja entrevista foi publicada em revista informativa especializada da área, ressalta a designação usada para modalidade: “Tenho o imenso orgulho em dizer que sou atleta [...], desejo representar o país da melhor forma possível, levantando nossa bandeira nas conquistas do *esporte*” [grifo nosso] (*Jornal da Musculação*, 2002, p. 42). Da mesma forma, as fisiculturistas entrevistadas por nós se consideram atletas. Lorenza corrobora essa noção: “A partir do momento que eu me transformei numa *atleta*” [grifo nosso].

Porém, desde a Grécia antiga, os esportes, contextualizados mundialmente, a partir dos Jogos Olímpicos, sempre tiveram como característica essencial a *performance* desportiva; isto é, de forma objetiva, há sempre um rendimento físico mensurável, do tipo *correr mais rápido*, *saltar mais alto* ou *lançar mais longe*. Tal perfil é inerente às competições chamadas de esportivas. Contrariamente, nos eventos do fisiculturismo, isso não acontece. Não importa a força muscular que os participantes possuam; eles não a utilizam nas competições. Nessa lógica, Courtine (1995, p. 83) explicita:

Estranho espetáculo, entretanto: corpos [...] inchados, artificialmente bronzeados, cuidadosamente depilados e lubrificados, alinhados sobre o palco segundo um ritual que lembra os concursos de beleza femininos; mulheres mutantes, cujo sexo se apaga sob a capa de músculos. Curiosas posturas, que pensam ressuscitar a estatuária clássica, justamente quando o desmedido das anatomias ergue-se como uma injúria à arte do escultor antigo. Insólitas massas musculares, puramente decorativas, que não servem para correr, nem para arremessar, e que rompem assim com tudo aquilo que, dentro da lógica esportiva, associa músculo a movimento.

Nas disputas competitivas do fisiculturismo apenas existem julgamentos de quesitos de beleza corporal subjetivos, que acontecem em meio ao processo de intensa exposição dos corpos incredivelmente hipertrofiados.

4. ANABOLIZANTE E BODY-BUILDING: A “QUÍMICA” DO PAROXISMO ESTÉTICO

É incontestável que a transformação dos corpos fisiculturistas depende de muita dedicação em relação aos treinos, mas seria ingenuidade pensar que o elevado desenvolvimento muscular dá-se somente em virtude desse fator. Para compor a *construção* desses *corpos hiperbólicos*, lança-se mão do uso freqüente de drogas sintéticas, os esteróides anabolizantes, e assim como o público masculino, as fisiculturistas preferem para si corpos com aparência extremamente forte.

Existem algumas maneiras para que seja atingida essa exacerbação em forma de músculos. O caminho mais freqüente é o da prática regular da musculação, obedecendo a um rigoroso programa de exercícios com pesos, os quais são sistematizados em função, tanto dos dias de treino quanto de descanso. "Isso retrata uma tendência estética da sociedade atual, perpassada pelos ideais da prática diária de musculação e exercícios para emagrecer conjugados com dietas, consumo de suplementos alimentares e anabolizantes" (SABINO, 2002, p. 141).

Rebeca, outra fisiculturista entrevistada por nós, revelou: “[...] o anabolizante completa [o treino] porque chega um estágio que a musculação não dá tanta resposta [...]”. Sabino (2002) analisa a utilização da droga no contexto da academia

[...] como ‘um fato social total’, acontecimento de dimensões biopsicossociais [...]. Entre os marombeiros, há um rito de passagem ou, como prefere Bourdieu [...], um *rito de instituição*, no qual o uso da droga surge como item crucial na transição do indivíduo de um *status* para outro no campo da musculação (SABINO, 2002, p. 179).

O emprego desses fármacos também tem se tornado uma opção disseminada entre outros freqüentadores das academias para além do emprego dos competidores da modalidade. Segundo pesquisa realizada por Iriart e Andrade (2002), está crescendo entre os jovens do Brasil, mais especificamente nas academias de musculação, o número de usuários de esteróides anabolizantes. Apesar de investigações dessa natureza (que desvelam o uso dos referidos produtos também por indivíduos iniciantes) precisarem ser mais exploradas no País para se ter a real dimensão de seu alastramento, tal fato pode ser confirmado por certos indícios empíricos *in loco*, sendo o principal deles a rapidez com que os músculos de praticantes novatos na musculação aumentam de volume. O estudo dos pesquisadores reforça a idéia de que esse tipo de mercadoria (anabolizante) está sendo espalhada facilmente, tornando-se cada dia mais popular.

Sabino (2002, p. 148) analisa que esse tipo de substância, “[...] atualmente, é objeto de consumo cotidiano de pessoas comuns que buscam otimizar a aparência, muitas vezes utilizando o discurso da saúde como respaldo para seu consumo intermitente”. Depois de experimentarem e de desfrutarem os resultados desejados, as fisiculturistas passam a fazer uso freqüente, diário, para a manutenção da tão almejada hipertrofia muscular. Uma das nossas entrevistadas, *Valentina*, declara que “estava crescendo [hipertrofiando a musculatura] seca [sem aumentar a gordura] com a maior facilidade [...]”. É porque meu metabolismo *acelerou* com o uso do esteróide e a musculação”.

Martínez (1990, p. 375) define os esteróides anabolizantes sintéticos como:

[Um conjunto de compostos relacionados com a *testosterona* [a produzida pelo corpo] [...] do ponto de vista [...] da atividade biológica. A *testosterona*, que é o principal esteróide anabolizante natural, é o hormônio sexual mais ativo, e, portanto, o principal responsável pelas manifestações dos caracteres sexuais secundários e da maturação sexual do homem.

Sabino (2002, p. 14) relata que “estas substâncias surgiram a partir de pesquisas farmacêuticas realizadas no final do século XIX e primeira metade do século XX”. Sobre esse assunto, o mesmo autor ainda afirma que (SABINO, p. 148):

Após a descoberta, os fisiculturistas amadores e profissionais da Costa Oeste americana, no início da década de 1950, passaram a utilizar *testosterona* para aumentar massa muscular e força. Este uso espalhou-se na década de 1960 entre os atletas profissionais e amadores de outros esportes, já sendo comum, na época, sua utilização entre alunos de colégios secundários e universidades americanas. Nos esportes olímpicos, no mesmo período, tais substâncias passaram a fazer sucesso entre atletas do Leste Europeu comunista e China, certamente os auxiliando na conquista de muitas medalhas.

Essas substâncias são indicadas e também vendidas muitas vezes pelos próprios instrutores ou professores das academias, bem como pelos praticantes veteranos e são facilmente encontradas e disponíveis para a compra em farmácias. Segundo apontam pesquisas divulgadas (*Folha de S.Paulo*, Caderno Especial, 2000), não está distante o dia em que os resultados (hipertrofia muscular) sejam atingidos apenas com a utilização desses produtos, sem necessidade de exercícios específicos. Cientistas do campo da engenharia genética, de grupos da Filadélfia (Estados Unidos) e de Londres (Grã-Bretanha), fizeram novas descobertas: “Com uma seringa, os dois grupos injetaram, na perna de um rato, um gene que fez a massa muscular crescer até 27% em um mês, sem que o animal se exercitasse além do normal” (*Folha de S.Paulo*, Caderno Especial, 2000, p. 2).

É ressaltado na reportagem que esse tipo de teste ainda não foi feito em seres humanos, mas se a pesquisa prosseguir dentro do esperado, até o ano de 2015 poderão surgir os primeiros “super-homens”. Para Sabino (2002, p. 141): o “grupo dos fisiculturistas ou *body builders* [...] representa uma espécie de síntese das tendências somatófilas e morfológicas perseguidas por um grande número de pessoas em nossa cultura atual”.

Inicialmente, o emprego de tais drogas foi preconizado com fins terapêuticos sendo “indicado para casos de perda excessiva de nitrogênio e síntese protéica reduzida, impotência, insuficiência no crescimento, osteoporose, fraturas, distrofia muscular, anemia aplástica e miotrofismo” (MOURA, 1984, p. 101). Todavia, a utilização feita pelos fisiculturistas não contempla objetivos de recuperação orgânica em decorrência de doenças de qualquer ordem. O mesmo autor afirma que “tomam doses muitas vezes superiores às usadas em pesquisas e terapêuticamente recomendadas. Essas doses [diárias] podem ser 20 vezes maiores que as terapêuticas, atingindo de 200 a 300 mg por dia” (MOURA, 1984, p. 101). Sabino (2002, p. 153-154) diz que:

É possível afirmar que o atual uso de anabolizantes surge como uma nova forma de consumo de novas drogas, apresentando a configuração de um novo objeto no ato coletivo de consumi-las. [...] o consumo [...] vem se enquadrando, de forma específica, dentro dos mesmos parâmetros que configuram o consumo e o tráfico tradicionais de drogas.

As repercussões obtidas (estética desejada) pelo uso desses fármacos, bem como por outras substâncias sintéticas similares (o hormônio de crescimento, por exemplo), em suma, derivam do aumento e retenção do pico da taxa hormonal anabólica, por causa da administração de doses exógenas (externas), que se acumulam no organismo associando-se ao nível de hormônio produzido naturalmente pelo corpo. Tal situação potencializa as modificações do metabolismo muscular, no sentido de aquisição exacerbada da hipertrofia musculoesquelética. Contudo, as modificações só podem perdurar se forem mantidas, de forma contínua, as aplicações diárias de altas dosagens exógenas de *testosterona* sintética e, claro, se combinadas ao treinamento de força.

Martínez (1990, p. 374) afirma que: “As conseqüências de sua utilização em forma de mistura de vários esteróides anabólicos-androgênicos, a doses muitas vezes superiores às terapêuticas e durante longos períodos de tempo [...] se perfilam como de ‘alto risco’”. Porém, *correr riscos*, na concepção das fisiculturistas entrevistadas, seria ter de sobreviver sem essa gama de produtos! A esse respeito, *Gilda* traz um relato revelador, ao discorrer sobre um episódio agudo que protagonizou, em decorrência da grande quantidade de diuréticos que fez uso, na véspera de um campeonato, com intuito, segundo ela, *de melhorar sua estética*:

[...] não queria comer pra não estragar a dieta. [...] mas eu não conseguia ficar em pé. Eu perdi todo o líquido e aí não segurava mais nada. Colocavam sal, mel e água na minha boca. E a gente morre mesmo, mas morre por um objetivo. Eu quase morri. Mas a mala estava pronta em cima da cama pra viajar para Minas. Aí meu marido perguntou se nós íamos. Eu falei, claro que vamos. [...] comecei a conseguir pronunciar algumas palavras, *era um sinal que eu estava melhorando* (grifo nosso). Aí eu fui deitada no banco de trás, ele foi dirigindo. [...] eu me preparei para aquilo, *eu tinha que ir, mesmo morrendo* (grifo nosso).

Na análise de Sabino (2002, p. 158),

O fisiculturista pode ser considerado a síntese das representações e práticas do corpo presentes em nossas sociedades. Ele se apresenta não apenas como um laboratório ambulante para os testes de uso de drogas e seus efeitos, mas representa o paroxismo de uma cultura que tem tido “obsessão por invólucros corporais”).

Um dos efeitos comumente associados ao uso dessas substâncias são as alterações na composição corporal, ocorrendo diminuição da gordura e aumento da massa muscular. Porém, a redução da gordura corpórea, fundamental para o *sucesso estético* preconizado no fisiculturismo, em médio ou longo prazo também pode acarretar disfunções severas no organismo. A maioria das praticantes, geralmente, apresenta a cessação da menstruação, podendo ser temporária ou definitiva.

Igualmente nociva ao metabolismo humano, a estratégia das dietas restritivas, utilizada como forma de *preparação corporal* das *body-builders*, principalmente durante o período pré-competitivo: “pode acarretar deficiências nutricionais [...], particularmente de minerais como o cálcio e o zinco [...] aumentando, assim, o potencial de risco para o desenvolvimento de osteoporose” (CYRINO e colaboradores, 2002, p. 27).

Ainda sobre as repercussões orgânicas desses medicamentos, Moura (1984, p. 105-106) relata que o principal efeito colateral nas mulheres é a masculinização:

Um dos primeiros sinais de masculinização é o hirsutismo [nascimento de pelos], podendo ocorrer também mudanças da voz, aumento do clitóris e distúrbios do ciclo menstrual. [...] além de potencialmente levarem à virilização de fetos femininos quando tomados por gestantes. [...] outros efeitos colaterais relacionados ao uso de EAA (Esteróides Anabólicos Androgênicos) [...] são [...]: aumento da taxa de colesterol e hipertensão arterial.

Martínez (1990, p. 382-383) aponta algumas alterações por parte dos usuários desses produtos que “podem aumentar a agressividade [...]. O efeito eufórico que produzem inicialmente pode rapidamente transformar-se em [...] transtorno do sono”. Apesar de as contra-indicações serem conhecidas e divulgadas, Martínez (1990, p. 374) aponta que “há evidência de sua difusão nos meios desportivos afastados da alta competição onde são utilizados sem conhecimento dos riscos [...]”. As mudanças quanto à forma do corpo – e o que isso representa socialmente – revelam-se mais *tentadoras* aos usuários do que os efeitos colaterais nocivos à saúde. Para as fisiculturistas, contornos corporais delineados, com todos os músculos bem definidos e proporcionalmente exagerados, são qualidades estéticas fundamentais, na busca implacável pelo *status do corpo perfeito*.

Valentina declarou, certa vez, que sua adaptação com os esteróides anabólicos foi uma boa experiência: “Eu consigo me dar bem com isso sim. *Melhora a auto-estima* [grifo nosso] porque você treina e vê o efeito”. Ela justifica o uso que faz da substância como sendo um aliado da malhação, um antídoto contra as imper-

feições. Para Sabino (2002, p. 179): “a mudança física fabricada significa mudança de *status*, pois esta traduz a aquisição de capital de competência – onde comprar as drogas, com quem, quais os efeitos de cada uma, para qual objetivo cada uma delas se presta – além de capital corporal”.

Outras duas competidoras da modalidade confirmaram o uso dessas substâncias (Rebeca, inclusive, é vice-campeã estadual): “é, eu frequento uma ginecologista, fisioterapeuta, mas é o [...] [outro médico] que receita os anabolizantes. [...] faço pesquisa com ele e compro sem receita [o anabolizante]”. Lorenza também revela: “Na minha época tinha assim uns esteróides injetáveis e tal (*sic*), mas no mercado o mais usado era um comprimido que é o mais perigoso, o hemogenin [...]”. Ela alega que, no início, usou sem saber. O treinador misturava na vitamina que preparava para ela ingerir. Porém, mesmo quando descobriu, optou em continuar a fazer uso. Em função disso, confessou ter ficado com “seqüelas, a minha pressão subiu; [...] eu fiquei com diminuição da distensibilidade do ventrículo esquerdo, ele ficou hipertrofiado, enrijecido [...] com o uso dos esteróides em pouco tempo [...] talvez até minhas estruturas ligamentares sofram por isso”.

Sobre os efeitos indesejados, Martínez (1990, p. 382) alerta que: “na mulher podem produzir danos muito graves, geralmente irreversíveis”. Ao discorrer sobre esse assunto, Sabino (2002, p. 140) considera que: “o uso dessas drogas pode indicar a tendência de adesão a uma ética individualista, competitiva e masculinizante, inscrita em uma estética corporal [...] das sociedades de consumo atuais”.

Em menos de um ano, os praticantes de musculação que optam em também ser usuários desses fármacos, quase sempre têm seus músculos aumentados exageradamente de tamanho (se, obviamente, não forem acometidos por alguma intercorrência clínica antes). Rebeca declarou que “tem gente que fica viciado, começa a gostar muito e depois acha que não consegue nem treinar, nem ter vida social se não tomar todo dia um anabolizante”. A dependência à qual faz referência a entrevistada diz respeito aos resultados corporais que os hormônios propiciam, bem como as percepções subjetivas que daí derivam (a silhueta hipertrofiada causa sensação de segurança e de autonomia): os fisiculturistas tornam-se “adictos” da imagem de seu próprio corpo. Alguns especialistas da medicina têm buscado caracterizar tal comportamento como um distúrbio denominado “vigorexia” – correspondente inverso, no linguajar clínico, ao quadro da anorexia.

5. CONCLUSÕES

Empenhados na tentativa de esboçar uma breve síntese, é razoável dizer que todo esse *arsenal* de variados estereótipos corporais encontrados na atualidade, mergulhados em caminhos similares de apologia ao consumo exacerbado de cosméticos, fármacos, alimentos dietéticos, práticas de exercitação física, cirurgias, dentre outros, têm em comum a valorização aguda de uma ética moralista e fugaz da *aparência*. Do mesmo modo, é coerente afirmarmos que tais códigos valorativos estão em conformidade com o mundo contemporâneo em que vivemos, onde, cada vez mais, vicejam discursos pragmáticos de exaltação à competição, coletiva e individual (superar a si mesmo), em todas as instâncias da vida cotidiana. Isso está presente no trabalho, no lazer e nas relações interpessoais, e a esfera da saúde e dos cuidados com o corpo não é exceção.

Portanto, considerando a perspectiva destes tempos emblemáticos, não é de todo inesperada a replicação dessas crescentes legiões de adoradores do culto ao corpo, que se lançam até em jornadas de riscos à saúde e à própria vida na busca de alcançar, por meio do próprio corpo, o “próximo *up-grade* estético do milênio” (COUTO, 2003), ainda que tal conquista possa “durar”, talvez, somente até o próximo verão.

A corpomatéria, a prática do fisiculturismo e a exaltação quase mitológica de seus campeões/ídolos (o ícone da modalidade Arnold Schwarzenegger, famoso no cinema e em franca ascensão na política norte-americana, é uma boa expressão dessa tendência somatófila) apenas exemplificam como os mecanismos disciplinares instalam-se no corpo e se reproduzem por meio dele. Os extenuantes exercícios e todo o ritual que os complementam são estratégias que submetem o corpo à obediência e à manipulação, aprofundando sua sujeição. Mas tal processo não apenas submete o corpo, como também torna-o útil, aplicável, maximizado esteticamente

e submetido aos polifônicos paradoxais discursos da saúde. Os fisiculturistas “percebem na disciplina do exercício corporal levado à exaustão, na dedicação física e mental a um propósito de abnegação e no cálculo racional, o sentido mesmo da existência” (SABINO, 2004, p. 55).

Os *body-builders* afirmam saber os efeitos das drogas que consomem, incluindo à possibilidade de morte súbita. Todavia, o risco ao qual se sujeitam “é um fator que reitera o uso, posto que o risco surge, entre o grupo, como algo positivo que reforça a coragem individual [...]. Arriscar a vida é fator de valorização da experiência e reconhecimento social” (SABINO, 2004, p. 99). Reconhecimento este ligado ao *status* do próprio grupo.

REFERÊNCIAS

- CASTIEL, L. D. Quem vive mais, morre menos? Estilo de risco e promoção de saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.). *A saúde em debate na educação física*. Blumenau: Edibes, 2003.
- COURTINE, J.-J. Os stakhanovistas do narcisismo: *body-building* e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- COUTO, E. S. O saudável e o doente na cibercultura. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Org.). *Corpo gênero e sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CYRINO, E. S.; MAESTÁ, N.; REIS, D. A.; NARDO JUNIOR, N.; MORELLI, M. Y. A.; SANTARÉM, J. M.; BURINI, R. C. Perfil antropométrico de culturistas brasileiras de elite. *Revista Paulista de Educação Física*, v. 16, n. 1, p. 27-34. 2002.
- FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- FOLHA DE S.PAULO. Caderno Especial: *Como será o atleta?* São Paulo, 25 jun. 2000, p. 2.
- FRAGA, A. B. A boa forma de João e o estilo de vida de Fernanda. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Org.). *Corpo gênero e sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu e vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- IRIART, J. A. B.; ANDRADE, T. M. Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, v. 18, n. 3, p. 1379-1387, 2002.
- JORNAL DA MUSCULAÇÃO. 2002, p. 42.
- MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu e vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MARTÍNEZ, M. R. Actividad biológica y mecanismo de acción de los esteroides anabólico-andrógenos. *Archivos de Medicina del Deporte*, v. 7, n. 28, p. 373-384, 1990.
- MIRA, C. M. *O declínio de um paradigma: ensaio crítico sobre a relação de causalidade entre exercício físico e saúde*. 2000. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.
- MOURA, N. A. Esteróides anabólicos androgênicos e esportes: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 6, n. 1, p. 101-109, 1984.
- PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.). *A saúde em debate na educação física*. Blumenau: Edibes, 2003a.
- PALMA, A.; SALOMÃO, L. C.; NICOLODI, A. G.; CALDAS, A. Reflexões acerca da adesão aos exercícios físicos: comportamento de risco ou vulnerabilidade? *Revista Movimento*, v. 10, n. 21, p. 83-100, 2003b.
- REVISTA BOA FORMA. Ano 18, n. 4, abr. 2003, p. 9-10.

SABINO, C. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu e vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SABINO, C. *O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas*. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

Contatos

PUC São Paulo e FURB-SC

Caixa Postal 137

Bombinhas – SC

88215-000

E-mail: adriestevao@hotmail.com

Tramitação

Recebido em agosto/2004

Aprovado em outubro/2004